

Educomunicação no espaço das artes: a escola é a cidade e a cidade é escola

RAQUEL RIBEIRO DOS SANTOS

1. Introdução

A educação da escola pública não deveria ser diferente da educação da escola particular. Não deveria haver um abismo tão grande entre as gerações que nela convivem. As escolas também não deveriam propor experiências tão distantes dos interesses juvenis.

A realidade, porém, é que essas disparidades acontecem em grande parte das escolas. A origem de tudo está na busca de uma resposta a um problema educacional grave. O modelo sala de aula-conteúdo-professor tem se mostrado ineficaz, desmotivador para o aluno, frustrante para o professor.

Dizem que a escola está obsoleta porque não atende mais a demanda dos alunos. Ao substituímos a palavra escola pela expressão *intencionalidade de aprendizagem*, porém, vemos que há uma grande concentração de adultos pensando em formas de gerar aprendizado para uma grande concentração de jovens. Esses, por sua vez, estão em uma etapa particularmente produtiva e criativa de desenvolvimento por um longo período de tempo. Essa situação não é arcaica. Ao contrário, forma um rico polo criativo. O formato e a função social da escola, tal como vista ultimamente, esses sim é que são os elementos ultrapassados desse contexto.

Se pensarmos no número de vezes que trocamos o modelo de nosso celular e pensarmos na escola como um campo tecnológico social, veremos que a sociedade ao redor da escola mudou de modo contundente, mas a tecnologia escolar se alterou muito pouco. Então, como podemos modernizar essa tecnologia educacional, que tem como essência a função social de dar intencionalidade ao aprendizado do conhecimento acumulado pela humanidade? É prioritário se pensar em novos métodos de educação, novos espaços de aprendizagem e, principalmente, novos modelos de interação entre o que se vive dentro e fora da escola.

Para compreender toda essa complexidade de universos, percepções e possibilidades é preciso enxergar o ponto de vista das relações que se estabelecem nos espaços de aprendizagem e de como a arte e a comunicação podem contribuir com as mudanças necessárias para esses novos tempos, reconectando estes espaços à cidade e permitindo-lhes exercer todo seu potencial como equipamento cultural, fluido e inovador que procura ativar a capacidade de todos de olhar para a escola e a cidade como organismos vivos, dinâmicos, em todo seu potencial educador e cultural.

Essa modernização da escola não passa mais pelo acúmulo e transmissão de informações. Passa pela experiência compartilhada para gerar conhecimento. A função social atualizada da escola deve intencionalmente favorecer a troca.

Isto abrange a cidade, naturalmente, e sua efervescência de relações, desafios e demandas. É preciso estimular a interação da escola com seu entorno, reconectando o que se faz dentro com o que se faz fora dela como um dos caminhos possíveis para que a educação comece a vencer um dos desafios mais difíceis que lhe é colocado neste novo século: fazer com que os alunos reencontrem o sentido para suas aprendizagens nesse ambiente peculiar.

O ambiente escolar, incorporado ao cenário urbano, torna-se suporte de interações e plataforma de expressão dos interesses juvenis que podem e devem dialogar com o conteúdo curricular, entendendo o espaço escolar como um novo e potente equipamento cultural.

Para isso, “A escola é cidade e a cidade é escola”, constitui um conceito de educação que integra a aprendizagem intencional à vivência cultural, reconectando a escola à cidade a partir de 3 pilares: a arte, a comunicação e a educação. Onde a arte é vista como forma de expressão que mobiliza as pessoas, ativa sua subjetividade e capacidade de inovar; a comunicação como potencializadora de conexões, de formação de redes e territórios onde o diálogo é o elo que amplia as possibilidades de troca; e a educação como promotora do desenvolvimento humano individual e coletivo, visando uma melhor qualidade de vida.

Na prática este conceito desenvolveu-se na experiência metodológica do Instituto Choque Cultural que também pode ser traduzido na criação de diversificados Ecosistemas Comunicativos, onde a arte traz o tema para debate, funcionando como pré-texto para a troca que gera o aprendizado ou mola propulsora para a inovação. Por exemplo, uma das primeiras aplicações da nossa metodologia foi no programa de formação de professores de arte em escolas públicas do Ensino Médio em São Paulo. Nele, o Ecosistema tem envolvido alunos, artistas, professores, diretores, turma da limpeza, pais e toda a comunidade educativa que são progressivamente mobilizados ao longo das etapas do programa.

Além da formação de professores, no programa de residências e intercâmbios culturais foi formado o Ecosistema também a partir de diferentes artistas, curadores, artesãos, produtores culturais e demais agentes da cena artística de outras cidades, possibilitando uma articulação multidisciplinar. E ainda, no programa de participação em rede, experimentou-se a criação de Ecosistemas mais complexos com o envolvimento e parceria de coletivos, instituições privadas e públicas.

Em todas estas instâncias, a Arte foi o tema que chamou e mobilizou as pessoas, a Comunicação (diálogo) foi o elo que conectou as pessoas para que a troca se fizesse e a Educação fosse concretizada.

2. A Educomunicação aplicada à arte

Educação que comunica ou comunicação que educa

Tendo origem nos movimentos populares da década de 1970, a Educomunicação atualizou os preceitos educacionais daquela época. Já se falava da educação como um processo comunicativo, mas num cenário prioritariamente pedagógico onde as práticas estavam ainda muito centradas em atividades e não em relações interpessoais. Paulo Freire já trazia esse entendimento da relação entre educação e comunicação, segundo ele, “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1983, p.69). Contudo, naquele momento de práticas tecnicistas e de um período militar que coibia a livre expressão, compreender a educação como um processo comunicativo dependeu mais do esforço e boa vontade dos poucos que viam na educação a possibilidade de libertação, do que de um projeto nacional de ensino.

O que a Educomunicação fez de novo foi deslocar o foco da pedagogia, com seus jargões já desgastados, colocando o processo ensino-aprendizagem sob um novo olhar, o da co-

municação que educa. O foco centrou-se na educação que se faz efetivamente a partir das relações interpessoais.

O conceito de educomunicação apresentado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, por conta do curso de Gestão da Comunicação na USP em 2010, mostrava-se suficientemente complexo e atual para contemplar as novas tendências.

Apresentado como “o conjunto das ações de caráter multi-disciplinar voltadas ao planejamento e à implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos nos distintos espaços educativos – dos não formais aos formais –, de forma a garantir condições de expressão a todos os membros das comunidades educativas. Um “Ecossistema Comunicativo” foi o que melhor definiu a construção de espaços abertos e criativos de relacionamento onde a aprendizagem e a convivência são mediadas pelo diálogo.

Este novo espaço de atuação, que transita entre a educação e a comunicação, pressupõe diferentes áreas de atuação. Três delas, prioritariamente, chamaram minha atenção para essa nova perspectiva de atuação:

- Área da EXPRESSÃO COMUNICATIVA ATRAVÉS DAS ARTES: produção cultural mediada pela estética da arte, que está atenta ao potencial criativo e emancipador das distintas maneiras de manifestação artística, como forma de comunicação acessível a todos.
- Área da GESTÃO COMUNICATIVA: busca a articulação, o planejamento e a execução de ações nas diversas áreas de intervenção do novo campo, agindo como uma atividade subsidiária. Está, pois, atenta à criação e a avaliação de ecossistemas comunicacionais nos distintos espaços educativos (o midiático, o formal e não formal).
- Área da REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA: voltada a sistematização de experiências e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação entre Educação e Comunicação, mantendo atenção especial à coerência entre teoria e prática.⁹

Foi nesse espírito da experimentação e inovação que foi proposto o conceito de Educomunicação aplicado à arte. Concebe-la assim, implica em considerar a arte como plataforma de comunicação que cria oportunidades de troca, de interações e expressão de saberes. Ativa a capacidade de inovação das pessoas. Como descreve Ana Mae Barbosa “a arte leva os indivíduos a estabelecer um comportamento mental que os levam a comparar coisas, a passar do estado das ideias para o estado da comunicação, a formular conceitos e a descobrir como se comunicam esses conceitos”.

Envolve igualmente considerar a educação como promotora do desenvolvimento humano individual e coletivo. E envolve ter a comunicação como formadora de redes e territórios. Portanto, a criação de oportunidades intencionais de troca com diversidade de pontos de vista envolvidos por uma tarefa comum e transformadora, formando sujeitos críticos e criativos.

Nesse contexto, a arte exerce uma dupla função. Como plataforma singular de expressão potencializa a função da comunicação. Como um potente veículo questionador, quebra paradigmas, potencializando a função de inovar da educação.

Precisamos muito mais da aprendizagem de relações interpessoais e de aprender a aprender do que da aprendizagem de conteúdos descontextualizados.

É a troca que possibilita essa aprendizagem significativa. Assim, os ambientes colaborativos – situações ou técnicas que favorecem a colaboração – estão também favorecendo a aprendizagem.

Educomunicação e arte – a experiência do Instituto Choque Cultural

Uma experiência que descreve esse conceito “A escola é cidade e a cidade é escola” e que foi amplamente experimentado no Instituto Choque Cultural ao longo de 5 anos foi o programa de formação de professores, investindo em seu potencial multiplicador junto aos alunos.

Assim, a proposta foi a formação de professores em cultura urbana para que vissem a escola toda e a cidade como um potencial pedagógico e fossem capazes de transformar espaços em lugares, utilizando estratégias educativas para conectar a sala de aula com a cidade e com o mundo.

As formações envolveram três etapas: encontros presenciais com os educadores; apoio a distância para que os professores elaborem seus projetos customizados para sua realidade; e evento celebrativo com a visita e intervenção de um artista reconhecido da arte urbana.

Nos encontros presenciais, o Ecosistema Comunicativo formado possibilita que professores aproximem sua prática ao fazer artístico dos artistas convidados a ministrarem as oficinas. Também possibilita aos artistas aproximarem seu discurso às metodologias de ensino atuais. Estimula-os a didatizarem sua fala, extraírem e sintetizarem seu método de criação e produção. Contribui para melhorarem sua comunicação ao se fazerem entender neste contexto de troca, e desenvolverem ainda outras competências fundamentais a um educador.

Na segunda etapa, para que toda essa construção de conhecimento não se perca na transição do ambiente formativo do professor para a sala de aula e para que ele mesmo customize seu aprendizado para aplicá-lo em sua realidade única, os professores são convidados e apoiados a elaborarem projetos de cultura urbana em suas escolas. São também estimulados a aliar-se a outras disciplinas e profissionais, formando um novo Ecosistema Comunicativo de troca com seus pares.

Na última etapa, levamos às escolas um artista consagrado na cena urbana para fazer uma intervenção, mostrando ao vivo sua técnica, e bater um papo com os alunos sobre sua carreira. Ao produzir a obra na frente dos alunos, o artista mostra que – ao contrário do que se imagina no senso comum em relação ao *graffiti* – para o trabalho ser realizado com sucesso houve planejamento – mesmo que esteja apenas traduzido no caderninho de desenho do artista –, houve uma produção prévia para preparar o *estêncil*, ou a própria parede para receber a pintura. Isso exigiu disciplina, estratégia e foco. As diferentes técnicas que cada artista utiliza revelam para os alunos o tempo de experiência e pesquisa que foi necessário empregar para se atingir a qualidade da obra, mostrando que estudar ao longo da vida é mais natural do que se imagina. O Ecosistema criado nesta ação, possibilita um diálogo pedagógico entre alunos, arte-educadores e artista de forma horizontal e significativa.

Nessa ação de intervir no espaço físico da escola, o Ecosistema Comunicativo colocou em colaboração, professores, gestores, artistas, alunos e toda a comunidade escolar, pois mesmo as pessoas que não estão diretamente ligadas com a ação são impactadas, como o pessoal da limpeza e da administração, assim como os alunos de outros períodos, por exemplo. É que a obra deixada ali ficará reverberando e estimulando interações por um longo tempo. O diálogo e a troca que foram iniciados entre artistas, alunos e professores acabam ganhando todos os espaços da escola, pois a obra que ora provoca divergências de opiniões, ora encantamentos, conecta as pessoas que compartilham aquele espaço. A arte acaba mobilizando todos para o diálogo e todos, de um jeito ou de outro, acabam sendo transformados a partir de novas aprendizagens.

3. Considerações finais

O conceito central expresso na frase “a escola é cidade e a cidade é escola”, tem uma parte implícita que remete ao trânsito do conhecimento que se faz pela relação entre as pessoas, seja na escola ou na cidade, seja dentro de espaços culturais ou nas ruas. Se a escola é reprodução da cidade, ao transformar a escola podemos transformar também a cidade.

Em tempos de cultura de rede, fora da escola os jovens se conectam com o mundo, encontram seus pares do outro lado do Atlântico ou na rua vizinha. Reúnem-se não mais pela proximidade, mas pelos interesses em comuns em escala mundial. A escola tem, no presente, uma oportunidade pedagógica de viver o que espera dos cidadãos em sua relação com a cidade e a sociedade, não direcionada ao futuro, mas sim ao cidadão que o aluno é agora.

Construir cidades sustentáveis, onde as pessoas convivam mais harmoniosamente, depende da construção de um projeto de sociedade que atenda ao desejo coletivo e promova o bem comum.

Neste sentido, a escola deveria ser um ambiente mais disponível ao diálogo e à vivência da sociedade que se almeja. Deveria ser um projeto piloto da cidade que se deseja.

Vivendo na escola um ambiente colaborativo de diálogo e negociação, onde o interesse coletivo se sobreponha aos individuais, estaremos formando cidadãos para a cidade que queremos não só no futuro, mas no presente. A escola também é cidade.

Por outro lado, a educação integral que está sendo proposta aqui, é aquela que torna a escola mais aberta ao que acontece na cidade. Mostra como a cidade pode estar integrada à escola. Em outras palavras, a cidade é escola, pois o espaço urbano é um lugar de aprendizagem coletiva que precisa de mediação, assim como a escola carece de integração com seu entorno. A própria cidade já oferta inúmeros profissionais da cultura, do esporte e lazer que estão desejosos de se aproximar efetivamente da escola, mas essa ponte precisa ainda ser construída e fortalecida. A cidade é escola.

4. Referências bibliográficas

SOARES, Ismar de Oliveira. Planejamento de Projetos de Gestão Comunicativa como prática da Educomunicação, in BACCEGA, Maria aparecida e COSTA, Maria Cristina. *Gestão da Comunicação: Epistemologia e Pesquisa Teórica*. São Paulo: Paulinas, 2009.

————— *Educomunicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

————— *Teorias da comunicação e filosofias da educação: fundamentos epistemológicos da educomunicação*. São Paulo: Documento de suporte à Prova de Erudição. Concurso para Professor Titular da Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, 2009.

_____. *Extensão ou Comunicação?* Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. Ana Mae Barbosa: *Arte na veia*. Entrevista concedida ao Blog Acesso. Disponível em <http://www.blogacesso.com.br/?p=34>. Acesso em: 22 junho 2017

A AUTORA

RAQUEL RIBEIRO DOS SANTOS - Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo raqueleducarte@gmail.com